



O Ideário Patrimonial О идеарио

Culturas oriundas da África,
América e Europa

PERSPECTIVAS: INSTITUIÇÕES, PLANEAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA ROTA PORTUGUESA A SANTIAGO DE COMPOSTELA

PERSPECTIVES: INSTITUTIONS, PLANNING AND DEVELOPMENT OF THE PORTUGUESE ROUTE TO SANTIAGO DE COMPOSTELA

Recebido a 01 de junho de 2021
Revisto a 08 de julho de 2021
Aceite a 29 de setembro de 2021

Leandro Gomes

Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-graduação em Antropologia
Social Grupo NAURBE - Cidades, Culturas Populares e Patrimônios. Campus
Universitário/UFAM, Setor Norte, Pavilhão Prof. Eulálio Chaves. Av. General Rodrigo
Otávio, 6200, Coroado I, CEP: 69080-900, Manaus/AM/ Brasil.
Rua Pinto Ferreira nº 48 R/C Esq. - Alcântara – Lisboa – 1300.465
leandrogomes@gmail.com



Resumo

Neste artigo buscamos apresentar cenários que esboçam perspectivas sobre o caminho português a Santiago de Compostela. Perspectivas essas que consistem da participação em dois eventos, o “Colóquio Caminhos de Santiago”, realizado em Pinhel/Portugal e o “dia das associações jacobéias portuguesas em Santiago de Compostela” realizado na cidade Santiago de Compostela/Espanha. Com ambos os eventos buscamos apresentar parte das perspectivas sobre o caminho de santiago no contexto português, ou seja, quanto as ações das instituições no planeamento e desenvolvimento dessa rota e dos elementos históricos, culturais e sociais ligados a ela.

Palavras-Chave: Caminho de Santiago, Caminho Português, Perspectivas, Eventos, Património.

Abstract

In this article we seek to present scenarios that outline perspectives on the Portuguese Way to Santiago de Compostela. These perspectives consist of participation in two events, the “way of saint james colloquium”, held in Pinhel / Portugal and the “day of portuguese jacobéus associations in santiago de compostela” held in the city of Santiago de Compostela / Spain. With both events we seek to present part of the perspectives on the camino de Santiago in the Portuguese context, that is, regarding the actions of the institutions in the planning and development of this route and the historical, cultural and social elements linked to it.

Keywords: Way of Saint James, Portuguese Way, Perspectives, Events, Heritage.

1. Introdução

O Caminho de Santiago de Compostela foi proclamado em 1987 pelo Conselho da Europa como sendo o primeiro itinerário cultural europeu; o Caminho de Santiago espanhol já foi reconhecido pela UNESCO como património da humanidade em 1993 e o Caminho Francês recebeu o título em 1998. (UNESCO, 2007). Em setembro do ano de 2015, foi apresentada a proposta para reconhecimento do Caminho Português a Patrimônio da Humanidade, pedido esse que tem como representantes institucionais, duas associações, a Associação e Espaço Jacobeus (A.E.J) ¹ e a Associação de Peregrinos Via Lusitana (A.P.V.L) ².

No dia 30 de maio de 2016, foi divulgado a Lista Indicativa, pré-requisito para reconhecimento a Patrimônio da Humanidade, a lista atualizada consta, juntamente com outros 21 bens, os “*Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela*” (CNUNESCO- MNE, 2016).

Esse cenário e processo de reconhecimento do Caminho Português a Patrimônio da Humanidade junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO, foram elementos centrais da investigação realizada no âmbito do doutorado em antropologia social e cultural autor desse artigo. Mas, destaca-se que os pontos apresentados são parte dos objetivos da investigação realizada, trazendo elementos observados durante o trabalho de campo através da contraposição e justaposição de vivências sobre o Caminho Português.

Para construção deste artigo, destacamos três trabalhos de campos, em que foi utilizada como instrumento metodológico a observação participante.

¹ A Associação Espaço Jacobeus – Confraria de São Tiago (adiante designada, abreviadamente, por AEJ) é uma Associação Católica Portuguesa, Privada, de Fiéis, de âmbito nacional e com sede em Braga, constituída por Peregrinos e Amigos do Caminho de Santiago. A AEJ centra a sua atividade, desde 2004, na Informação e Preparação de Peregrinos que pretendam Peregrinar a Santiago de Compostela, especialmente, percorrendo o Caminho Português de Santiago. Obtido na: <https://www.aej.pt/about-us/>

² Associação de Peregrinos Via Lusitana: Associação não religiosa que tem dentre outros objetivos divulgar e promover a peregrinação a Santiago de Compostela, preservar e promover o Caminho Português e auxiliar os peregrinos. Obtido na: <https://www.vialusitana.org/>

O primeiro trabalho foi a realização do evento “Colóquio Caminhos de Santiago”, organizado pela Câmara Municipal de Pinhel, realizado na cidade de Pinhel³, Portugal, na Casa da Cultura, no dia 29 de agosto de 2015, às 21:00 horas.

A anteceder o evento, foi realizada, no mesmo dia já referenciado, a viagem de peregrinação com 12 etapas do Caminho de Torres, etapa essa de 24 km (vinte e quarto quilómetros), entre as outras pessoas, entre elas, membros da associação e outros convidados, por uma das cidades de Almeida⁴ e Pinhel, que também foi um momento de observação participante.

O segundo momento consta, também a convite da Associação e Espaço Jacobeus, a participação no evento de comemoração do Dia das Associações Jacobeias Portuguesas em Santiago de Compostela, que, como o título diz, foi realizada na cidade de Santiago de Compostela, no dia 11 de outubro de 2015, sendo que, antecedendo ao evento, realizou-se e acompanhou-se a última etapa de peregrinação, entre Padrón e Santiago de Compostela. Esta foi realizada por membros da Associação e Espaço Jacobeus, entre outros convidados.

A anteceder ao evento, foi realizado, no dia 10 de outubro de 2015, o acompanhamento da última das várias etapas⁵ feitas a pé, realizadas por pessoas e grupos de diversas localidades, entre elas, Guimarães, Braga, Amarante, Vila Verde, Barcelos, Vairão, Oliveira das Azeméis, membros ou não das associações, que realizaram desde as suas localidades, aos finais de semana, etapas de peregrinação pelo Caminho Português. Esta última etapa contou com a participação de 42 pessoas, sendo que, foi realizada a viagem de autocarro, com partida da cidade de Guimarães, com destino a Padrón, para a realização da última etapa a pé da peregrinação entre Padrón e Santiago de Compostela, etapa essa com, aproximadamente, 24 km (vinte e quatro quilómetros).

³ Pinhel: Município localizada na Região Centro e sub-região Beira Interior Norte de Portugal e faz parte dos 14 municípios que compõem o distrito da Guarda. Obtido na: www.cm-pinhel.pt/

⁴ Almeida: Município localizado na Região Centro e sub-região Beira Interior Norte de Portugal e faz parte dos 14 municípios que compõem o distrito da Guarda. Obtido na: <http://www.cm-almeida.pt/Paginas/default.x>

⁵ Etapas - Abril: dia 11- Amarante/Filgueiras; dia 12 Filgueiras/ Guimarães, Fafe/Guimarães, Vizela/ Guimarães; dia 25 - Guimarães/ Braga; Póvoa de Lanhoso/ Braga; dia 26 - Braga/ Ponte de Lima.
Junho: dia 13 - Ponte de Lima/ Rubiães; dia 14 - Rubiães /Tui.
Julho: dia 4 - Tui/ Redondela; dia 5 - Redondela/ Pontevedra.
Setembro: dia 19 - Pontevedra/ Calda de Reis; dia 20 - Calda de Reis/ Padrón.
Outubro: dia 11: Padrón/ Santiago de Compostela.

Em suma, os trabalhos de campo realizados objetivaram ter a experiência de peregrinação (observação participante) e através dela realizar a observação do comportamento, práticas e comportamentos dos peregrinos, condições e características do trajeto, através de registro do trajeto em vídeo, fotografia e georreferenciamento, além de participar dos eventos mencionadas e conduzir entrevistas livres com participantes das caminhadas, ao longo dos caminhos e nos eventos sobre o Caminho Português a Santiago de Compostela.

1. A Observação Participante Como Método Antropológico

Em (Geertz, 1973) é dito que, para compreender a ciência, deve olhar-se ao que os praticantes de ciência fazem, e em antropologia social deve-se olhar e compreender o que é a etnografia e em que consiste a prática etnográfica, o que representa este processo e como se forma este conhecimento. Contudo, Geertz destaca que a etnografia não se resume a métodos, que a etnografia vai além, sendo uma prática investigativa de interação e leitura dos elementos em campo, das relações com as pessoas, da busca e registro dessas informações, um processo de infiltração na cultura para possibilitar o que este chama de “descrição densa”, termo utilizado por Gilbert Ryle que Geertz apropriou.

Neste ponto, (Geertz, 1973) traz à luz a necessidade de se fazer uma leitura muito mais profunda, uma vez que ao estar distante, a leitura pode-se tornar muito superficial, e conseqüentemente, estar vulnerável ao erro e a distorções. Já numa descrição densa, torna-se possível infiltrar e aproximar mais o olhar do investigador ao olhar do “nativo”.

Com isso, pode-se reduzir o erro das leituras e interpretações, pois procura-se compreender o real significado das ações, o que são frutos de ensaios, de imitações e o que são tiques nervosos, como também e o porquê dos mesmos.

Assim, temos um caminho para tal “descrição densa” a observação participante, que, de acordo com (Rivière, 2013) consiste em: *“Partilhar a vida quotidiana do observado, os seus trabalhos, as suas conversas, as suas festas, impõe-se a todo aquele que deseja aprender a sua visão do universo, captar as motivações dos seus atos e compreender o seu sistema de valores (...).”* (Rivière, 2013, p. 25).

Em (Moreira, 1994) é evidenciada a importância da observação, onde o mesmo apresenta os elementos básicos que compõem a observação *“Embora se deva admitir que a maior parte do conhecimento científico social tem origem na observação, em etnografia tal conhecimento respeita tanto à observação de fenómenos culturais como à informação*



que é proporcionada pelo informante (...), (Moreira, 1994, p. 106). E segue a dizer: Em qualquer ciência a situação de observação compõe-se como se sabe pelo menos, de quatro elementos: 1) o observador; 2) os fenómenos observados; 3) a informação pretendida e 4) o papel do observador (...)” (Moreira, 1994, p. 106).

Em Costa (1989) faz-se uma abordagem sobre esta prática de terreno, onde o autor apresenta o que é que faz um investigador em terreno, ou seja, o seu trabalho de campo, e apresenta as práticas comumente utilizadas, o seu papel direto de interação, busca e obtenção de fontes de informações. Assim, afirma que o investigador em campo:

“Observa os locais, os objetos e os símbolos, observa as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos. Participa, duma maneira ou de outra, no quotidiano desses contextos e dessas pessoas. Conversa com elas; por vezes entrevista-as mais formalmente. E frequentemente arranja “informantes privilegiados”, interlocutores preferenciais com quem contacta mais intensamente ou de quem obtém informações sobre aspetos a que não pode ter acesso direto.” (Costa, 1989, p. 132).

Emerson, Fretz & Shaw (1995), afirmam que a etnografia se define em duas etapas, uma das quais é a imersão e interação em determinada cultura, em que o etnógrafo participa em atividades da vida quotidiana da cultura em questão, a fim de observar e aprender. A segunda etapa consiste no facto de o etnógrafo registar, de forma sistemática, toda a aprendizagem. Estes métodos unidos, segundo os autores, constituem o núcleo do que é a etnografia.

Através da imersão e dessa experiência em si, o etnógrafo procura compreender, através da vivência das rotinas de determinada cultura, transportar os seus sentidos e perceber da maneira mais próxima possível a realidade cultural, mas é necessário que o etnógrafo seja sensível e perspicaz (Emerson, Fretz & Shaw, 1995).

Como é dito por Moreira (2007), este método de investigação está atrelado a algumas técnicas, ou seja, a um conjunto de atividades comumente utilizadas a fim de infiltrar neste universo investigado.

A expressão **observação participante** tem sido usada na literatura antropológica e sociológica para designar uma estratégia metodológica, composta por uma série de técnicas de obtenção e análise de dados. No seu clássico manual sobre métodos de investigação “The research act” (1970), Denzin di-lo claramente: «*Há uma curiosa*

mistura de técnicas de pesquisa na observação participante: entrevistam-se pessoas, analisam-se documentos, compilam-se estatísticas, recorre-se a informantes e realiza-se observação direta. Sendo assim, a observação participante será definida como uma estratégia de campo que combina simultaneamente a entrevista, a participação, a análise de documentos e a introspeção (p. 185-186)». (Moreira, 2007, p. 178).

Destaca também (Moreira, 2007) que esta pode ser uma poderosa ferramenta de investigação para recolha de informações, entretanto, se a mesma “*a) for orientada e focalizada para um objecto concreto de pesquisa, previamente formulado; b) planificada sistematicamente em fase, lugares e pessoas; c) controlada e relacionada com proposições teóricas; d) submetida a controles de objectividade, fiabilidade e previsão*” (Moreira, 2007, p. 177). Em Fife (2005) é dito que a observação participante consiste em observar as atividades, pessoas, aspetos físicos e situações, de forma a conseguir captar e compreender as regras e linguagens que não estão escritas nas interações humanas, e desta forma, fazer um registo minucioso.

Desta forma, Iturra (1989) apresenta a observação participante como uma ferramenta ou técnica de investigação gradativa que permite infiltrar nas tramas do tecido cultural, como meio de compreender de forma mais densa os elementos que compõem determinada cultura.

“(...) Esta penetração lenta e mesmo ritualizada na outra cultura, é o que ensina a etnografia específica do povo que se estuda, do seu corpo central de conhecimento e ação, bem como da heterogeneidade das práticas com que a vida social é construída e encarada. Nos aspetos práticos, é só no convívio com o quotidiano cultural que se obtêm os elementos que constituem um facto, que separam um fenómeno de outro, e definem a estrutura e o processo específico daquilo que constitui a vida social de um grupo. (Iturra, 1989, p.157).

Outro ponto que Iturra (1989), esclarece é a questão da comparação, que ele afirma ser normalmente comum, que se faz entre o trabalho de terreno e a observação participante. Para isso, apresenta os dois casos e as suas diferenças:

Faz-se normalmente referência ao trabalho de campo e a observação participante como se fossem um mesmo assunto. A diferença é simples: a observação participante é o envolvimento direto que o investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro de parâmetros das próprias normas do grupo; o trabalho de campo é um processo que envolve mais aspetos da conduta social, dentro dos quais o comportamento manifesto



é observado. O trabalho de campo procura, no conjunto de informações sobre o presente e o passado, contextualizar as relações sociais que observa; a observação participante é pontual, o trabalho de campo é envolvente (Iturra, 1989, p. 149).

Em Iturra (1989) deixa-se bem claro que a observação participante pode estar contida no trabalho de campo, e que ela, a observação participante, é uma leitura presencial, isto é, uma observação realizada de forma direta, em primeira mão, num determinado período temporal estabelecido, de convivência e observação.

Assim, em Burgess (1997) afirma-se que a observação participante faz parte de um processo de construção e busca de informações, ou seja, que a observação participante e outros métodos são ferramentas e mecanismos de investigação que, somados, permitem traçar um panorama mais claro e abrangente, pelo que o autor afirma:

“Apesar de os cientistas sociais usarem várias abordagens para estudar o mundo social- métodos experimentais, medidas estatísticas e inquéritos por questionário- nenhum destes métodos pode completamente abarcar os elementos subjetivos da vida social. Deste modo, os investigadores viraram-se para observação participante como forma a terem acesso aos significados que os participantes atribuem às situações sociais. Nestas circunstâncias, o investigador aprende em primeira mão uma dada situação social utilizando a observação participante.” (Burgess, 1997, p. 86).

Como principal instrumento da investigação na observação participante, o investigador é apresentado por Burgess (1997), o qual também ressalta que a observação participante é uma grande oportunidade para o investigador recolher informações pormenorizadas, acrescentando que:

“Na investigação que envolve o uso de observação participante é o investigador que é o principal instrumento da investigação social. Nesta base a observação participante facilita a colheita de dados sobre interação social: na situação em que ocorrem e não em situações artificiais (como na investigação experimental) nem em situações artificialmente construídas que são criadas pelo investigador (como pesquisa através de inquérito). A vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais. Além disso, o observador pode obter relatos de situações na própria linguagem dos participantes, o que lhe dá acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias (...).” (Burgess, 1997, p. 86).

Em Iturra (1989) a figura do investigador que realiza a observação participante aparece como um ser vulnerável, exposto: “(...) *A observação participante caracteriza-se como sendo uma situação dum investigador que é adulto como é, saltita desajeitadamente no meio do que já sabem há muito tempo como orientar-se e que, idealmente, querem ajudá-lo explicando o seu cotidiano rotineiro (...)*” (Iturra, 1989, p. 155). No entanto, sabe-se que estes casos não são generalizados, uma vez que existem investigações que estudam o familiar, ou mesmo as chamadas “investigações ao pé de casa”, mas esta visão apresentada por Iturra (1989) é relevante, uma vez que demonstra a observação participante com um tatear com que se é conduzido, e assim pode-se construir uma imagem e leitura.

3. Os Caminhos Portugueses

O Caminho Português é o segundo itinerário Jacobeu mais praticado, para termos a dimensão do fluxo de peregrinos e da importância desse caminho, no ano de 2019, do total 347.578 peregrinos registados pela Oficina del Peregrino, 94.648 (27, 23 %) percorreram esse caminho. (Oficina del Peregrino, 2020). Os caminhos a Santiago de Compostela foram moldados ao longo dos séculos, moldes esse que como já elencamos desenvolveram diversos elementos culturais ligados a adoração ao Santiago e o auxílio aos peregrinos.

Através de dados estatísticos dos últimos 15 anos (Quadro I), podemos identificar a crescente importância e procura pelos Caminhos Portugueses, seja no número de peregrinos, seja em número percentual do total de peregrinos a Santiago de Compostela.

<i>Ano</i>	<i>Nº de Peregrinos (%)</i>
2004	15.831 (8,80%)
2005	5.507 (5,86%)
2006	6.513 (6,44%)
2007	8.140 (7,11%)
2008	9.814 (7,80%)
2009	12.055 (8,17%)
2010	34.255 (12,57%)
2011	22.062 (12,03%)
2012	25.624 (13,31%)
2013	29.550 (13,69%)
2014	35.501 (14,92%)
2015	43.151 (16,44%)
2016	52.138 (18,77%)
2017	66.562 (22,11%)
2018	81.663 (24,95%)
2019	94.648 (7, 23 %)

Quadro I: Peregrinos pelo Caminho Português.⁶ Fonte: Oficina del Peregrino (2020).

4. O Colóquio

Nesta sessão constam as sínteses dos discursos de alguns dos participantes do “Colóquio dos Caminhos de Santiago”, em que são apresentadas as falas⁷ e respetivos temas: Técnico do Município de Barcelos: “A Importância dos Caminhos para os Municípios”; Delegado da Associação e Espaço Jacobeus em Amaranto: “Revitalização do Património Cultural dos Caminhos de Santiago”; Membro da Associação e Espaço Jacobeus: “Experiências do Caminho”; Frei Franciscano: “Espiritualidade no Caminho de Santiago”.

4.1. Técnico do Município de Barcelos: “A importância dos Caminhos para os Municípios”

Falou-se da importância dos Caminho a Santiago e destacou-se, como sendo o primeiro Itinerário Cultural Europeu, que também proporciona desenvolvimento por onde passa e que chegam a Santiago de Compostela milhares de peregrinos mensalmente, oriundo dessa diversidade de caminhos e de diferentes nacionalidades.

⁶ A divulgação das informações estatísticas da Oficina del Peregrino tem como primeiro ano 2004. Os anos apresentados em negrito (2004 / 2010), são referentes ao Ano Santo, ou seja, anos com maior fluxo de peregrinos, sendo o próximo Ano Santo em 2021. Obtido na <https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/>

⁷ As falas seguem a ordem de apresentação realizada no evento.

Foi dito que, devido ao fluxo de peregrinos, cabe aos municípios adotarem, enquanto políticas e planeamento, tomarem um posicionamento para o desenvolvimento do Caminho de Santiago. No entanto, foi dito que não há uma política nacional para tal, tampouco há uma entidade para dar uma uniformidade e regras, organizar, planejar e definir o caminho e fazer conhecer todo esse património a ele indexado.

Segundo o técnico do Município de Barcelos, os Caminhos de Santiago perpassam por um conjunto de dez regras básicas para o seu planeamento de desenvolvimento, estruturantes, para que o Caminho assuma um posicionamento estratégico para o território, e que, cabe aos municípios procurar e proporcionar aos peregrinos a melhor experiência do caminho, nos seus territórios.

4.1.1. Primeiro ponto: pressuposto quando a criação e abertura de caminhos, não se deve criar caminhos sem ter uma base patrimonial, histórica ou mesmo arqueológica, sendo necessário respeitar a identidade histórica dos caminhos, sendo que essas bases ajudam a valorizar esse património. Assim, fez-se uma crítica às invenções dos caminhos seguirem por praias. Exemplo este, que ele disse saber que existe e que podem vir a existir novos.

4.1.2. Segundo ponto: respeitar a alma e essência do caminho, assim, sabe-se que há cada vez mais peregrinos, contudo, não se pode nortear o caminho através do interesse monetário.

4.1.3. Terceiro ponto: ter como foco os peregrinos, e não o imediatismo, pensar o caminho em função dos peregrinos e não dos interesses pontuais, económicos e momentâneos. Deu como exemplo, o desviar o caminho para que este passasse e em frente a determinados estabelecimentos comerciais. Disse que se deve respeitar quem faz o caminho e não mover o caminho e os peregrinos de acordo com interesses. Com isso, reforçou a ideia de não desvirtuar a essência do caminho. Sendo assim, segundo ele, o peregrino deve ser sempre o foco das atenções, das ações e estruturas que o município venha proporcionar. Mas que também é preciso pensar quais são as necessidades dos peregrinos que são diferentes das dos turistas, ou seja, as informações e condições que precisam os peregrinos são bem distintas, o que procuram os peregrinos é diferente, pois sua procura é por uma experiência mais espiritual.

4.1.4. Quarto ponto: promover a pedagogia dos locais, isto é, promover a cultura dos caminhos, pois a exemplo do Caminho Francês e do Caminho Central, há uma cultura

do caminho, pois as pessoas conhecem e respeitam os peregrinos e procuram auxiliá-los, mas também sabem a importância dos peregrinos como agentes dinamizadores da economia local, revitalizadores das aldeias e localidades rurais. Assim, as pessoas do território devem conhecer para valorizar os peregrinos e o caminho, como um elemento de identidade da sua localidade. Apenas assim, através dessa sensibilização, que ele aponta que um caminho não é feito de um dia para outro, é devendo-se pensar em desenvolvimento para o caminho.

4.1.5. Quinto ponto: respeitar as regras já criadas, no que diz respeito à sinalização, seguindo, por exemplo o que já foi instituído pelo Conselho da Europa ⁸.

4.1.6. Sexto ponto: É necessário pensar além de uma demarcação e delimitação com base e validade histórica. Os municípios devem, na medida do possível, incorporar a validade histórica ao Plano Diretor Municipal, pois se de facto se quer tê-lo como um dos eixos de desenvolvimento no município, é necessária esta ação, a fim de o proteger e promovê-lo.

Contudo, ressalta também neste ponto, a necessidade de diálogo e planeamento entre os municípios, já que ações isoladas não fazem o caminho, e se um município fizer a sua parte, e se, no troço seguinte, o outro município não fizer, não há caminho. E também neste ponto destacou a necessidade de uniformidade das sinalizações nos diferentes municípios.

4.1.7. Sétimo ponto: o poder político dos municípios deve procurar dialogar para desenvolver ações em conjunto com as associações e entidades, sendo esses importantes elementos de auxílio na gestão de desenvolvimento dos caminhos, tanto como agentes promotores como de fiscalização no que tange às necessidades de manutenção, seja quanto a limpeza, sinalização, entre outras questões.

4.1.8. Oitavo ponto: os municípios devem entender a diversidade de origem dos peregrinos, isto é, diversas nacionalidades. Assim, a produção de conteúdos informativos, em que destacou, as informações sobre o património nos municípios, e as ações, em que devem ter em conta essa diversidade.

⁸ Conselho da Europa: Conselho com sede Estrasburgo (França), formado no ano de 1949, após o final da II Guerra Mundial, com objetivo promover a defesa dos Direitos Humanos e concluir acordos na Europa quanto a questões sociais e jurídicas. Atualmente integra 47 Estados-membros. Obtido na: <http://www.coe.int/pt/web/portal/home>

4.1.9. Nono ponto: O efeito no peregrino após a sua experiência, em que é necessário pensar e entender que esses peregrinos que passam pelo território podem, num outro momento, voltar ao território, mas dessa vez como turista, sozinho, ou até mesmo acompanhado, na procura de viver ou de partilhar com os seus, os momentos e experiências que tiveram ao longo do caminho, sendo esse um grande ponto dinamizador do caminho, já que, para além da peregrinação, é possível desenvolver outros pontos de valorização e promoção dos municípios. Com isso, destacou que o Caminho de Santiago pode ser uma âncora de desenvolvimento dos municípios.

4.1.10. Décimo ponto: não abordar o Caminho de Santiago como um produto turístico, pois o caminho não é um produto turístico. Disse que a essência do caminho não passa pelo turismo, e que, se a sua essência for entendida ou vendida como turismo está fadada ao fim, e esta alma do caminho estará perdida, sendo que, não se deve fazer do caminho um produto turístico, muito menos um turismo de massa, pois o caminho proporciona, como já mencionado, experiências distintas a nível cultural e espiritual. Assim, segundo ele, cabe aos municípios seguirem esses passos bases para entenderem, planearem e desenvolverem o Caminho de Santiago.

4.2. Delegado da Associação e Espaço Jacobeus em Amaranto: “Revitalização do Património Cultural dos Caminhos de Santiago”

Iniciou o seu discurso com a apresentação da história da lenda de Santiago, aquando da sua morte, e sobre o parecer técnico das ruínas românicas que estão por baixo da catedral, que valida a história sobre o túmulo de Santiago e da construção inicial, no século IX da igreja, em homenagem a Santiago, que é anexada a um mosteiro – Mosteiro de Altares.

Proseguiu, falando sobre o momento histórico de conflito em que Santiago, na Batalha de Clavijo, montado num cavalo, seguiu à frente dos cristãos para matar os mouros (muçulmanos), daí o nome de Santiago Mata-Mouros, isso no ano de 844, sendo que, nas batalhas que se seguem, o seu nome era invocado.

Falou do período de 1175, em que foi então construída a Catedral de Santiago, mas não da forma que se conhece hoje. No entanto, há elementos que foram preservados, e que, no ano de 1962, tanto a catedral como a cidade de Santiago são reconhecidas como um conjunto artístico, e, de seguida, no ano de 1985, o Caminho Francês, que entra pelo norte de Espanha, foi reconhecido como Património da Humanidade pela UNESCO.



Neste contexto cronológico, foi considerado que, ao longo destes tempos, os Caminhos de Santiago eram também percorridos por artistas provenientes de várias partes da Europa, os quais, para além de procurarem matérias-primas a exemplo da Pedra de Ançã⁹, em Portugal, difundiam e procuravam conhecimento, por onde passavam, além do comércio de obras de artes nesta parte ocidental da Europa.

Foi dito que ao longo dos caminhos, a seguir ao século IX, houve um crescente fluxo de peregrinos, surgindo locais de auxílio para os mesmos, desde albergarias, mosteiros, grupos de ordens religiosas, hospitais e outros pontos de acolhimentos aos peregrinos, assim como, nobres que contribuem com a construção e revitalização de alguns trechos e de pontes ao longo dos caminhos.

Falou-se sobre o principal ponto de início das peregrinações em Portugal, a Catedral do Porto, local de saída de milhares de peregrinos pelo Caminho Central. E após essa descrição, em tom de crítica, falou-se sobre o “Caminho das Areias” apontado de forma polémica, pois segue pelas praias.

Disse sobre a cidade de Coimbra, a peregrinação da Rainha Santa Isabel que, por duas vezes, seguiu a cidade de Santiago, sendo que, a primeira quando o Rei Dom Diniz ainda era vivo, e a segunda após a sua morte. Sendo que, outro facto que se liga à peregrinação surge aquando do falecimento da Rainha, foi colocado junto ao seu corpo o bastão que ela utilizou nas peregrinações a Santiago, encontrando-se, também, a sua coroa na Catedral de Santiago. Acrescentou que, no ano de 2014, foi criado um albergue de peregrinos no Mosteiro de Santa Clara a Nova, em Coimbra, e, em sequência disso, foi criado um núcleo museológico no mosteiro dedicado à Rainha Peregrina.

Falou-se sobre São Salvador de Vairão, mosteiro anterior ao século IX e do seu ciclo de vida até seu fechamento, por completo, e da abertura de um albergue no local, onde também se criou um núcleo museológico do peregrino, no ano de 2015.

Destacou-se, sobre seu município, o Município de Amarante, local onde se desenvolveu uma procura e levantamento histórico quanto à sua ligação histórica com as

⁹ Pedra de Ançã: Pedra de formação calcária que tem como tons de cores o amarelo ao branco azulado, encontrada na região do Concelho de Cantanhede/Portugal, tido como bom material para esculpir por ser macia e sem veios.

xperegrinações a Santiago de Compostela, em que, essa ligação é feita através dos Caminhos de São Gonçalo, caminho realizado por São Gonçalo, e que, ao longo dos tempos, surgiram locais para atender aos peregrinos, tais como, pontes, albergarias, gafarias, hospitais...

Ao falar de Pinhel, apontou locais e pontos na cidade que têm ligação com Santiago, desde vieiras, pórticos e a nave da Igreja Matriz, que tem a imagem do Santo.

Assim, fez-se o encerramento, concluindo que o Caminho de Santiago é um caminho que leva a Espanha, mas para além disso é um caminho de história, de partilha, de cultura, que traz património e preserva a identidade portuguesa.

4.3. Membro da Associação e Espaço Jacobeus: “Experiências do Caminho”

Descreveu as suas experiências de viagens pelo mundo (Índia, América do Sul, América Central, Médio Oriente, Sul de África e Europa).

Quanto à sua viagem à Índia, foi confrontado a dizer o que procurava por lá, e a sua resposta foi que procurava encontrar-se, como uma viagem espiritual. Já em tom de contrarresposta, foi-lhe dito que não era necessário ir tão longe, pois havia, próximo dele, o Caminho de Santiago.

Disse que a sua motivação inicial para fazer o Caminho de Santiago foi por causa da depressão que sentia e procurava no caminho uma resposta para superar este momento de doença e a peregrinação possibilitou-lhe essa “cura” pois, segundo ele, o mundo conturbado em que se vive, repleto de violência e de pessoas, num ritmo acelerado, sem tempo para pensar, refletir e para olharem para elas próprias.

Segundo ele, o caminho é a oportunidade de se ouvir e de ouvir o outro, de ser solidário e ter mais amor ao próximo, ir ao encontro de algo que mais procuram ou que mais precisam. No caminho abdica-se dos confortos habituais, das vaidades e consegue-se viver com pouco, com o mínimo ou o máximo que se consegue carregar às costas, nas mochilas, e assim rever algumas posturas e modo de viver e de se relacionar com o outro.

Neste sentido do caminho, disse e sugeriu aos presentes que quando virem, ou estiverem com peregrinos, que os tratem bem, que não é preciso muito, que dizer-lhes um simples “Bom Caminho!” tem grande efeito, pois revigora as energias e conforta.

Também destacou a necessidade de ter condições mínimas para a peregrinação e, a título de exemplo, disse que a sinalização é algo fundamental. Quanto à hospedagem, o



peregrino não procura luxo, mas um local simples para poder fazer as suas necessidades básicas de higiene e descanso.

Ele disse que, a forma como se trata os peregrinos, sejam elas boas ou más, se propaga rapidamente, e que os peregrinos, quando retornam às suas localidades de origem, podem ser vistos como uma espécie de “embaixadores do caminho”, pois relatam e propagam as experiências que viveram e presenciaram.

Foi dito, em linhas gerais, que os peregrinos são pessoas boas, que estão à procura de uma paz espiritual e que todo o auxílio que é dado aos peregrinos extrapola fronteiras e cria uma boa imagem para a localidade. Esta boa imagem pode atrair novas pessoas e turistas.

4.4. Frei Franciscano: “Espiritualidade no Caminho de Santiago”

A fim de sintetizar a ideia de espiritualidade no Caminho de Santiago, o frei apresentou um trecho inicial do filme *Tres en el Camino*¹⁰ (Três no Caminho), filme esse que conta a história de três peregrinos no Caminho de Santiago, em três estações do ano, Verão, inverno e primavera, sendo uma peregrina brasileira, um peregrino holandês e uma peregrina japonesa. A primeira, segue a religião da umbanda, o segundo, o catolicismo e a terceira, sem religião indicada. Três peregrinos de distintas localidades e distintas crenças, mas que procuram no caminho, um momento de encontro consigo mesmo e com a espiritualidade.

O Frei deu início à sua conversa, dizendo que há duas questões distintas entre espiritualidade no Caminho de Santiago e espiritualidade do Caminho de Santiago, sendo que, escolhe falar sobre a primeira, uma vez que para a segunda, seria necessário recorrer a documentos históricos que remontam aos séculos.

Ao falar de peregrinação, falou das suas experiências e afirmou já ter realizado doze peregrinações a Santiago de Compostela, entre os anos de 2002 e 2014, duas delas realizadas em Itália, no Caminho de São Francisco de Assis. Eventos nos quais ele afirmou ter vivido momentos de espiritualidade, de contemplação e partilha de vida com os outros e também de contemplação de todas as coisas criadas por Deus.

¹⁰ *Tres en el Camino*: Filme documental lançado no ano de 2004, que conta história de três peregrinos, Milena Salgado/Brasileira, RobJorritsma/ holandês e Madoka Mayuzumi /Japonesa.

Num sentido filosófico, disse que, no Caminho de Santiago não se olha apenas para a frente ou para trás, olha-se para os lados, em que o caminho é um todo, e não somente aquilo que se pisa com os pés, sendo este um momento de introspeção para ver mais além.

Assim, ele falou das vivências e observações durante as suas peregrinações. Relata sobre: uma jovem peregrina à beira do caminho a ler um livro volumoso, e indagou se poderia ser uma bíblia; um jovem peregrino, que tinha por hábito rezar o terço nos primeiros quilómetros de cada dia de caminhada; um peregrino solitário a tocar gaita irlandesa; jovens peregrinos sentados num templo a ler poemas de Fernando Pessoa. Então, com estas observações, ele abre a questão: Podem ser, estes casos apresentados considerados momentos de espiritualidade? As três histórias do filme inicialmente apresentadas podem ser consideradas como momentos de espiritualidade?

Ele afirmou que sim, pois disse que, hoje não existe uma espiritualidade padrão como houve no passado, cujo objetivo era expurgar os pecados. Hoje, a seu ver, tudo o que faz o peregrino, transcender-se, pode ser considerado espiritualidade.

Indagou se haverá lugar para uma espiritualidade diferente no Caminho de Santiago? Ele mais uma vez afirmou que sim, pois sendo Santiago um dos 12 apóstolos a espalhar a Boa Nova da sua ressurreição, há espaço para uma nova espiritualidade com fundamentação bíblica.

Com isso, ele também afirmou que está a fazer um guia de espiritualidade para peregrinos, que é um diário, mas também um itinerário para 30 dias de peregrinação, composto de pensamentos, salmos, entre outros textos bíblicos, e orações, destinado a crentes ou não na fé católica, mas crentes nas palavras de Deus.

4.5. Síntese do Colóquio

Nos discursos são apresentadas, entre as questões, a necessidade de organização do Caminho Português para o seu desenvolvimento, um planeamento que perpassa por várias esferas de poderes e organizações, bem como, de uma mobilização social, num carácter construtivo e de sensibilização.

Dentre essas estão, a necessidade de criação e manutenção de condições mínimas para a realização da peregrinação, como a criação de uma sinalização adequada, condições de segurança, locais para alojamento e alimentação, mas além dessas questões



de cunho mais material, abordou-se a necessidade de se criar e manter uma boa relação com o peregrino. Isto é, recebê-lo bem e compreender as suas necessidades e anseios.

Falou-se da necessidade de identificar os elementos históricos/culturais ligados a Santiago e às peregrinações e como estes bens são relevantes para legitimar a passagem do Caminho de Santiago pelas localidades ou da existência de tais itinerários.

Foram apresentadas, entre as conversas, as diversidades de perfis dos peregrinos, as diferentes motivações que os levam a fazer o Caminho, as diferentes formas de procura e perceção das peregrinações, com isso sucinta a necessidade de compreender esta diversidade. Mas além dessas diversidades supracitadas, há também a diversidade cultural dos peregrinos, de distintas e distantes localidades, nacionalidades e países.

São também apresentados alguns dos benefícios que as peregrinações geram nas localidades. Dentre eles, os benefícios económicos, em que o peregrino de forma direta faz uso de produtos e serviços nas localidades. Também é importante divulgar as localidades e que o peregrino pode ser um agente dinamizador do turismo, pois, este pode auxiliar na promoção das localidades. Contudo, também foi feita a advertência sobre a exploração económica excessiva, ou seja, pensar os peregrinos apenas como fator de exploração económica.

5. Dia das Associações Jacobeias Portuguesas em Santiago de Compostela

No dia seguinte, 11 de outubro de 2015, foi realizado o evento “dia das associações Jacobeias portuguesas em Santiago de Compostela”, sendo esta iniciativa da Associação e Espaço Jacobeus e Associação de Peregrino Via Lusitana. Foram convidadas todas as associações do Caminho Português e outras instituições e organizações, tais como gestores dos albergues, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, entre outras, para comemorar o “Dia das Associações Jacobeias Portuguesas em Santiago de Compostela”, e também como oportunidade de união/discussão no interior do Associativismo Jacobeu.

Um dos objetivos, e como já mencionado, foi fazer um ponto da situação sobre a convergência das associações e organizações envolvidas com o Caminho Português pois, segundo apresentado pelas associações organizadoras, há a necessidade de um diálogo maior entre as associações sobre convergência de ações, assim como, de conhecimento dos objetivos de cada associação e assim fazer uma união para um trabalho conjunto.



A comemoração teve como momento principal, na Catedral de Santiago, a celebração da Missa do Peregrino, com a participação de representantes das associações do Caminho Português, a assumirem os locais de honra e também a realizarem as leituras durante a celebração, assim como, a leitura rogativa (carta que foi lida) a Santiago, para auxiliá-los na tarefa de fomento das peregrinações e auxílio aos peregrinos.

A celebração terminou com *Botafumeiro*¹¹ (turíbulo), que desta forma, se fez acontecer com a oferta (patrocínio) da Associação e Espaço Jacobeus.

Após a celebração, ocorreu um almoço ao lado da catedral, na Hospedaria San Martin Pinário¹² (Seminário Maior), almoço esse de confraternização das associações do Caminho Português, que contou com a participação de 260 pessoas das diferentes associações, entre outros convidados.

Após o almoço, houve discursos feitos pelos membros da organização, que abordaram o evento, e lamentaram o facto de algumas questões não terem corrido da melhor forma, pois, devido às novas regras, houve uma redução no número máximo de pessoas dentro da catedral, e alguns membros das associações não conseguiram entrar.

Segundo alegado pela organização do evento do Dia das Associações Jacobeias Portuguesas em Santiago de Compostela, isso ocorreu por questões de segurança, em que, em toda a Espanha, como na Europa, os locais de grande concentração e manifestações religiosas estão sob uma maior vigilância.

Sendo que, em Santiago não era diferente, em que se percebeu um número maior de seguranças internos na catedral, e de forças policiais no exterior. E como não aconteceu anteriormente, há uma maior restrição quanto à entrada de objetos na catedral, sendo que os peregrinos não podem entrar com as mochilas, e as bolsas e sacos menores, são agora verificados pelos seguranças junto às portas de entradas da catedral.

Melhor forma, pois, devido às novas regras, houve uma redução no número máximo de pessoas dentro da catedral, e alguns membros das associações não conseguiram entrar.

¹¹ *Botafumeiro*: Segundo a própria descrição do cónego responsável pela celebração, representa a acensão dos pedidos e rogativas ao céu.

¹² Hospedaria San Martin Pinário: Prédio que desde o século XVI abriga os peregrinos, localizado ao lado da Catedral de Santiago. É agora um espaço dedicado a hospedagem e eventos. Obtido na: <http://www.sanmartinpinario.eu/>



Figura 1 - Imagem I: Celebração Missa do Peregrino
Fonte: Trabalho de Campo 2015



Figura 2 - Imagem II: Almoço de Confraternização I
Fonte: Trabalho de Campo 2015.



Figura 3 - Imagem III: Almoço de Confraternização II
Fonte: Trabalho de Campo 2015

Para finalizar, falou o Presidente da Associação e Espaço Jacobeus, que agradeceu a presença de todos, e destacou a necessidade de união das associações, para uma cooperação e ações em conjunto, para fomentar as peregrinações e auxiliar os peregrinos, através de um “espírito de associativismo Jacobeus”.



Figura 4 - Imagem XXI: Almoço de Confraternização - Presidentes da APVL e AEJ
Fonte: Trabalho de Campo 2015

5.1. Síntese “Dia das Associações”

Através do encontro, foi possível perceber um exemplo de peregrinação realizada por um grupo como este, como se organizaram e as formas hierárquicas de condução nesta etapa, assim como as motivações e as perceções sobre o Caminho de Santiago. Algumas das observações, perceções e interpretações sobre o trajeto, de interação entre os peregrinos e os convívios, e os diálogos durante a peregrinação.

Para além disso, foi possível perceber, não só as questões do Caminho Português e das pessoas que estavam a realizá-lo, mas também, das experiências e relatos de perceções de outras pessoas e de outros caminhos, das motivações variadas de entendê-los e fazê-los.

Na comemoração, isto é, na Missa do Peregrinos e no almoço de confraternização, foi possível presenciar um número considerável de associações ligadas ao Caminho Português, através dos membros presentes e da convergência de interesse em prol da adoração a Santiago e do desenvolvimento das peregrinações a Santiago de Compostela.

Foi possível perceber também a ligação das associações com os membros da administração da Catedral e o seu papel no Caminho Português, como representantes reconhecidos pela ordem religiosa, no papel de auxílio aos peregrinos.

Nos discursos e na intenção de realização do evento, foi dito que, para além de ser um dia comemorativo e de encontro das associações, também foi um dia para fortalecer os laços e aproximar as associações e os membros para se conhecerem, pois, a intenção que se procura, segundo eles, é um trabalho cooperativo e de sinergia das associações em prol do Caminho Português. Também foi observado e descrito, sobre as questões de segurança, que se torna delicado alguns factos atribuídos à construção simbólica de Santiago, e que, no cenário atual, requer maiores atenções perante aos conflitos latentes, por questões religiosas/políticas.

6. Conclusões

6.1. *Torres (Colóquio dos Caminhos de Santiago)*

Nos discursos são apresentadas, entre as questões, a necessidade de uma organização do Caminho Português para o seu desenvolvimento, um planeamento que



perpassa por várias esferas de poderes e organizações, bem como de uma mobilização social, num carácter construtivo e de sensibilização.

Dentre esses estão a necessidade de criação e manutenção de condições mínimas para a realização da peregrinação, como a criação de uma sinalização adequada, condições de segurança, locais para alojamento e alimentação, mas além dessas questões de cunho mais material, abordou-se a necessidade de se criar e manter uma boa relação com o peregrino. Isto é, recebê-lo bem e compreender as suas necessidades e anseios.

Falou-se da necessidade de identificar os elementos históricos/culturais ligados a Santiago e às peregrinações e como estes bens são relevantes para legitimar a passagem do Caminho de Santiago pelas localidades, ou da existência de tais itinerários.

Foram apresentadas, entre as conversas, as diversidades de perfis dos peregrinos, as diferentes motivações que os levam a fazer o Caminho, as diferentes formas de procura e percepção das peregrinações, com isso sucinta a necessidade de compreender esta diversidade. Mas além dessas diversidades supracitadas, há também a diversidade cultural dos peregrinos, peregrinos de distintas e distantes localidades, nacionalidades e países.

São também apresentados alguns dos benefícios que as peregrinações geram nas localidades, dentre eles, os benefícios económicos, em que o peregrino de forma direta faz uso de produtos e serviços nas localidades, assim como, também é importante divulgar as localidades, e que, desta forma, pode ser um agente dinamizador do turismo, pois, este pode auxiliar na promoção das localidades. Contudo, também foi feita a advertência sobre a exploração económica excessiva, ou seja, pensar os peregrinos apenas como fator de exploração económica.

6.2. *Dia das Associações*

Através do encontro, foi possível perceber um exemplo de peregrinação realizada por um grupo como este, como se organizaram e as formas hierárquicas de condução nesta etapa, assim como as motivações e as percepções sobre o Caminho de Santiago. Algumas das observações, percepções e interpretações sobre o trajeto, de interação entre os peregrinos e os convívios, e os diálogos durante a peregrinação.

Para além disso, foi possível perceber, não só, as questões do Caminho Português e das pessoas que estavam a realizá-lo, mas também, das experiências e relatos de percepções de outras pessoas e de outros caminhos, das motivações variadas de entendê-los e fazê-los.



Na comemoração, isto é, na Missa do Peregrinos e no almoço de confraternização, foi possível presenciar um número considerável de associações ligadas ao Caminho Português, através dos membros presentes e da convergência de interesse em prol da adoração a Santiago e do desenvolvimento das peregrinações a Santiago de Compostela.

Foi possível perceber também a ligação das associações com os membros da administração da Catedral e o seu papel no Caminho Português, como representantes reconhecidos pela ordem religiosa, no papel de auxílio aos peregrinos.

Nos discursos e na intenção de realização do evento, foi dito que, para além de ser um dia comemorativo e de encontro das associações, também foi um dia para fortalecer os laços e aproximar as associações e os membros para se conhecerem, pois, a intenção que se procura, segundo eles, é um trabalho cooperativo e de sinergia das associações em prol do Caminho Português.

Também foi observado e descrito, sobre as questões de segurança, que se torna delicado alguns factos atribuídos à construção simbólica de Santiago, e que, no cenário atual, requer maiores atenções perante aos conflitos latentes, questões religiosas/políticas.

Referências

- Burgess, R. G. (1997) [1994]. *A Pesquisa de Terreno*. Oeiras: Editora Celta.
- Costa, A. F. (1989). *A Pesquisa de Terreno em Sociologia. Cap. V. Metodologia das Ciências Sociais*. 3ª Edição. Porto: Edições Afrontamento.
- Duque, J. (2005). A Peregrinação a Pé na Perspectiva da Conversão. *Compostellanum*, Revista de la Arqchidiócesis de Santiago de Compostela, Volumen L numeros1-4 Santiago de Enero – Diciembre. Salamanca: Editora Imprenta KADMOS, 233 - 241.
- Emersom, R. M., Fretz, R. I. & Shaw, L. L. (1995). *Writing Ethnographic Fieldnotes*. Chicago. Chicago: University of Chicago.
- Fife, W. (2005). Doing Fieldwork - Ethnographic Methods for Research. *Developing Countries and Beyond*. New York: Palgrave Macmillan.
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Book

- Gomes, L. (2018). *Os Caminhos Portugueses a Santiago de Compostela - O Património em Processo*. 1ª ed. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas.
- Iturra, R. (1989). *Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia*. Cap. VI. *Metodologia das Ciências Sociais*, 3ª edição. Porto: Edições Afrontamento.
- Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Políticas.
- Oficina del Peregrino. 2020. *Dados Estatísticos*. Obtida na <https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/>. [Consultado a 07 de abr. de 2021].
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO 2007. Caminho de Santiago de Compostela. Obtida na <http://whc.unesco.org/en/list/669>. [Consultado a 06 abr. 2021].
- Rivière, C. (2013) [1995]. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70.

